



VOZ

Da Terra

39ª Romaria da Terra

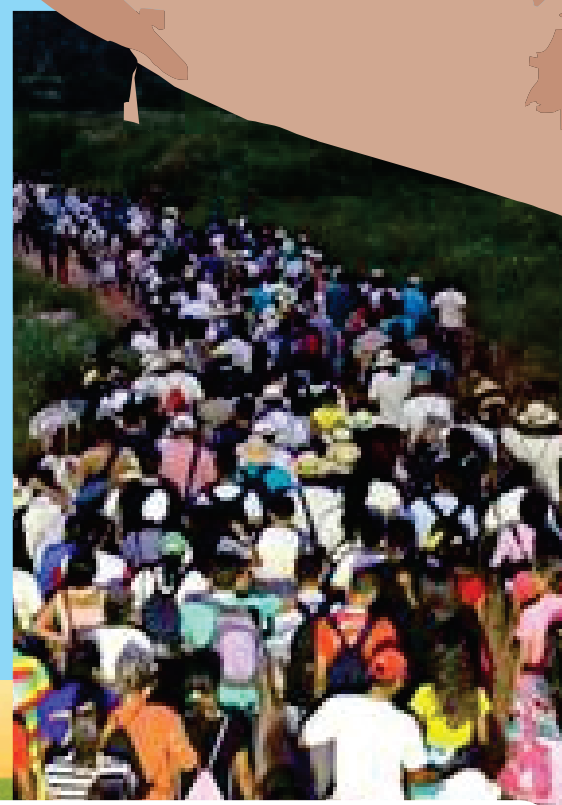
ESPECIAL

Comissão Pastoral da Terra / RS - Novembro 2015

39ª Romaria da Terra

09 de fevereiro de 2016 - Sanga da Bica- São Gabriel/ RS

Cuidar da Terra, casa comum



Conselho Indigenista Missionário



ACAMPAMENTO JOVEM



DE 05 A 09 DE FEVEREIRO
Encontro do Povo Guarani, em memória dos 260 Anos do
Martírio de Sepé Tiarajú e seus companheiros.

DIAS 07 E 08 DE FEVEREIRO
11º Acampamento Estadual da Juventude
Parque das Carretas

39ª Romaria da Terra um convite a Cuidar da Terra, casa comum

Foto: arquivo CPT - RS e CIMI Sul

A Diocese de Bagé, que já acolheu cinco Romarias da Terra, com a graça de Deus e muita alegria, está com o coração aberto para acolher a 39ª Romaria da Terra do Rio Grande do Sul. À semelhança das outras Romarias, esta será um espaço muito rico para a reflexão, a oração e o fortalecimento da opção preferencial pelos pobres.

Nela, à luz do magistério do Papa Francisco, milhares de romeiros e romeiras vão “olhar o passado com gratidão, viver o presente com paixão e abraçar com esperança o futuro”. Ao olhar o passado contemplarão a missão dos padres Jesuítas que marcou indelevelmente o território do Rio Grande do Sul. Com fé, esperança e caridade pastoral estes missionários colocaram-se a serviço dos indígenas, ajudando-os a edificar, o que alguns historiadores chamam de “República Guaranítica”. E quando essa “República” foi atacada por portugueses e espanhóis, manifestou-se o heroísmo legendário de Sepé Tiarajú e seus mais de 1500 companheiros que tombaram, defendendo a sua gente e a sua terra, convictos de que a terra era um presente de Deus e do Arcanjo São Miguel, os únicos que tinham o direito de os “deserdar”.

Com a presença de milhares de romeiros e romeiras teremos a oportunidade de viver com paixão experiências bem sucedidas e também as dificuldades que a Igreja e a sociedade vivem nesta mudança de época em que o Magistério do Papa

Francisco chama os seus fiéis e toda a comunidade humana para cuidar da terra, casa comum.

Com certeza, a presença do Bispo de Roraima e Presidente do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), Dom Roque Paloschi, enriquecerá a Nossa Romaria, ajudando-nos a abraçar com esperança a causa dos indígenas e de todos os pobres nos quais Cristo (Mt 25,36) aguarda a solidariedade dos cristãos.

Dom Roque participou plenamente de todas as romarias da terra, enquanto trabalhava como padre na Diocese de Bagé. Depois, fez uma frutuosa experiência como missionário na África (Moçambique). E, ao ser nomeado bispo de Roraima, passou a acompanhar de perto as comunidades indígenas e de sua diocese e do norte do País, de tal forma que foi eleito em setembro de 2015, Presidente do Conselho Indigenista Missionário – CIMI.

As Romarias da Terra perfazem plenamente as cinco urgências da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, especialmente aquela urgência que torna a Igreja “samaritana”, a Igreja a serviço da vida plena para todos. O Papa Francisco, com palavras e gestos, mostra-nos a necessidade urgente de a Igreja fazer a sua parte no “cuidado da casa comum”, convertendo-se para uma ecologia global e promovendo “mudanças profundas nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder”.



Sejam bem-vindos e bem-vindas, Romeiros e Romeiras à bela e hospitaleira cidade de São Gabriel.

Toda a comunidade gabrielense com suas autoridades, Civis e Eclesiásticas, está se preparando com grande entusiasmo para acolher com o melhor do seu coração os Romeiros e Romeiras desta 39ª Romaria da Terra. “Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido... Ela não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que guardava cuidadosamente, mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar sapiente” (LS 241) e interceda a Deus pela 39ª Romaria da Terra.

Dom Gilio Felício – Bispo Diocesano de Bagé

Bagé, uma Diocese da Campanha

A Diocese de Bagé fica situada na fronteira Meridional do Brasil, fazendo divisa com a República Oriental do Uruguai, com os Departamentos de Cerro Largo (Diocese de Melo) e Rivera (Diocese de Tacuarembó). Foi criada em 1960, no dia 25 de junho, pelo Papa São João XXIII, desmembrada das Dioceses de Pelotas e Uruguaiana. Seu primeiro bispo foi D. José Gomes, que assumiu um ano após a criação da mesma.

É uma área que faz parte do bioma Pampa, região da campanha, com mais de 35 mil quilômetros quadrados de área, a maior do Estado. As extensões de terra são grandes e o interior é bastante despovoado. “Anda-se dezenas de quilômetros por nossas BRs e quase não se vê gente”, comentam as pessoas que pela primeira vez nos visitam.

Atualmente é composta por 16 Paróquias e uma Rede de Comunidades, distribuídas em 12 municípios e 4 Áreas Pastorais. A população está em torno de 380 mil habitantes, oscilando bastante, chegando inclusive a diminuir sua população, consequência do êxodo rural e desemprego, havendo uma grande migração

para a região serrana (Caxias, Bento Gonçalves, Farroupilha, Flores da Cunha, etc...).

Com a migração, saindo sempre os mais jovens, o número da população formada por idosos e aposentados aumenta cada vez mais. Por outro lado, uma diocese formada por muitas assentados, oriundos sobretudo da organização do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra.

Tradicionalmente é uma região que depende da produção primária. Pecuária, com suas diversificações (bovinos, ovinos e equinos) e agricultura (familiar e extensiva), com forte conotação para o agronegócio e para a bacia leiteira. A maior produção está no arroz e na soja, mas com algumas colônias familiares tradicionais e os mais de 120 assentamentos muda-se o foco da produção agrícola.

Novos tempos surgem também por aqui, com a chegada de Universidades, como a UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa), que está presente em quatro municípios da Diocese (Bagé, Dom Pedrito, Santana do Livramento e São Gabriel) e outras particulares e de Ensino à Distância (EAD).



VOZ DA TERRA

é uma publicação da Comissão Pastoral da Terra do RS.
Rua Manoel Ferrador, 155,
Passo das Pedras - 91320-370
Fone: (51) 3344.4415
cptdors@gmail.com - www.cptdors.blogspot.com

39ª ROMARIA DA TERRA

Promoção:

Comissão Pastoral da Terra - CPT/RS
Conselho Indigenista Missionário - CIMI - Regional Sul
Diocese de Bagé
CNBB Sul 3

Apoio:

Adveniat
Fundo Estadual de Solidariedade
Cáritas Diocesana
Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

Equipe Subsídio 39ª RT:

Frei Wilson Dalagnol,
Sandro Galazzi e
Anna Maria Galazzi,
Pe. Alex Kloppenburg,
CIMI Sul- equipe PoA,
Coletivo Juventude MST

Fotos: Arquivo CPT/RS

Diagramação: Vivaldo Silva Souza
Impressão: Grafica Editora Vale do Gravataí Ltda (51) 3042 3372
Tiragem: 15 mil exemplares

Sepé Tiaraju – nosso inspirador

FREI WILOSN
DALAGNOL - CPT

Ninguém, em sã consciência, pode negar que nós, os imigrantes brancos, que aqui aportamos, em terras brasileiras e latino-americanas, podemos nos considerar “donos” deste território.

Nossos primeiros habitantes e ocupantes deste chão, desta terra, criada por Deus, é sem dúvidas os índios. Foram os indígenas que, por mão de Deus e por obra engenhosa e criativa, foram ocupando, cuidando e usufruindo desta terra.

As Romarias da Terra, no Rio Grande do Sul, surgem exatamente da inspiração e do modo de viver dos nossos irmãos índios, primeiros habitantes deste chão. Por inspiração divina, a Igreja, com seus profetas, olha o mundo, a realidade, e se vê forçada a iniciar ações mais contundentes a fim de conscientizar as pessoas que perderam a memória das origens.

Como muitos interesses entram em jogo, e algumas pessoas gananciosas e inescrupulosas, querem se apropriar de tudo e de todos, escravizam e exploram seus semelhantes sem compaixão, a Comissão Pastoral da Terra, junto com o CIMI e outras instâncias eclesiais e sociais, teve a intuição de ir ao encontro do clamor dos povos nativos, os índios.

A Romaria da Terra é um instrumento importantíssimo para fazer ecoar nas consciências adormecidas e nos meios sociais e políticos aqueles direitos fundamentais e humanos negados aos povos mais simples e humildes.

É no grito de Sepé Tiaraju que a Pastoral da Terra se inspira para denunciar as injustiças cometidas contra a terra e os povos da terra. “Alto lá, esta terra tem dono! Foi o Arcanjo Miguel que nos deu!”

As Romarias da Terra, especialmente este 39º, quer viver a solidariedade com todos os povos indígenas. Queremos fazer memória do grito de todos os mártires indígenas, de todos os que foram e são mortos brutalmente pela ganância do latifúndio usurpador e opressor. Gritar contra o agronegócio que tudo quer

açambarcar e que polui o meio ambiente e nossas águas.

“Por sugestão de D. Pedro Casaldàliga, 1978 foi declarado Ano dos Mártires. Aí ligamos com o fato de se completarem 222 anos do martírio de São Sepé Tiaraju. O cacique missioneiro foi morto juntamente com 1.500 índios companheiros que lutavam em defesa da terra, contra os exércitos de Espanha e Portugal, ao grito de ‘esta terra nos foi dada por Deus e seu Arcanjo Miguel. Somente eles no-la podem tirar’. O Ano dos Mártires foi aberto com a Romaria da Terra, que foi a primeira em São Gabriel, no coração do latifúndio. O lugar escolhido foi Caiboaté, a terra que São Sepé e os 1.500 companheiros ensoparam com seu sangue. A alma do povo gaúcho vibra quando lembra as Comunidades Indígenas guaranis dos Sete Povos das Missões, particularmente o grande chefe Sepé, que o povo carinhosamente invoca como São Sepé Tiaraju. Sepé está intimamente ligado à luta pela terra. Daí que as quatro primeiras romarias tenham sido realizadas em São Ga-

A Romaria da Terra é um instrumento importantíssimo para fazer ecoar nas consciências adormecidas e nos meios sociais e políticos aqueles direitos fundamentais e humanos negados aos povos mais simples e humildes.

briel, onde o bravo cacique e os 1.500 índios tomaram. O povo canonizou Sepé Tiaraju, que é um elemento forte da cultura gaúcha”.

Ao olharmos nosso passado, contemplamos a missão dos padres Jesuítas que marcaram indelevelmente o território do Rio Grande do Sul. Com fé, esperança e caridade pastoral estes missionários colocaram-se a serviço dos indígenas, ajudando-os a edificar, o que alguns historiadores chamam de “República Guaranítica”. E quando essa “República” foi atacada por portugueses e espanhóis, manifestou-se o heroísmo de Sepé Tiarajú e seus mais de 1500 companheiros que tomaram, defendendo a sua gente e a sua terra, convictos de que a terra era um presente de Deus e do Arcanjo São Miguel, os únicos que tinham o direito de os “deserdar”.

Em memória de São

Sepé Tiaraju e de companheiros índios martirizados começaram as Romarias da Terra no Rio Grande do Sul. Era uma terça-feira de carnaval, 7 de fevereiro de 1978. O convite daquele ano dizia: Será um ano de celebrações, mas também um ano de escutar o índio e um ano de lutar com e pelo índio. Os 400 romeiros reunidos em Caiboaté foram convocados pelo CIMI (Regional Sul), Centro de Orientação Missionária, CPT, Frente Agrária Gaúcha e ANAI. O lema da Romaria: A salvação do índio está na consciência do branco. Contou com o apoio de muitas organizações, inclusive da CPT-RS, que posteriormente assumiu o evento como sendo a primeira Romaria da Terra no RS. Os objetivos da primeira Romaria foram assim expressos:

“Escutar dos índios a história verdadeira do Brasil; os projetos e os valores alter-

nativos que oferecem à sociedade brasileira; escutar a Deus que fala no índio através de uma história de morte e sofrimento; lutar na defesa do direito do povo indígena à terra, à cultura, à autodeterminação; lutar pela conversão dos homens do Sul (empresários, colonos), opressores dos homens do Norte (índios, posseiros); lutar pela ampliação das comunidades de base no meio rural e urbano”.

A luta dos povos indígenas, a luta dos povos migrantes, a luta dos afrodescendentes, a luta de todos os povos explorados e colonizados, será sempre a inspiradora daqueles e daquelas que lutam pela justiça, pela paz e pela integridade da criação. Sepé Tiaraju será sempre o inspirador de todos os lutam pelos seus direitos e pelo cuidado da casa comum. A terra é mãe! “A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra me pertence e vocês são para mim imigrantes e hóspedes. Por isso, em qualquer terra que vocês possuírem, concedam o direito de resgate” (Lv 25,23-24).

Foto: arquivo CPT - RS e CIMI Sul



Sepé Tiaraju: fazendo memória pelos caminhos da luta e da resistência

Foto: arquivo CPT - RS e CIMI Sul

Desde 2004, no mês de fevereiro, os Guaraní marcam presença em São Gabriel para homenagear Sepé Tiaraju, símbolo da luta por uma Terra Sem Males. Recordam um guerreiro Guaraní que lutou até as últimas consequências em defesa de seu povo e pelo direito de viver em paz em seu território. Sepé enfrentou no seu tempo os dois grandes impérios da época Espanha e Portugal os quais tinham interesses econômicos e políticos sobre os seus territórios. Sepé não lutou sozinho junto a ele encontravam-se milhares de guarani e indígenas que não aceitaram deixar sua terra, seu território em troca de interesses políticos, econômicos, religiosos das grandes potências da época.

Sepé foi morto no dia 07 de Fevereiro de 1756 pelos exércitos de Espanha e Portugal e no dia 10 do mesmo ano em Caiboaté foram massacrados mais de 1500 guarani que lutavam em defesa de sua terra.

Os Guaraní retomam não só a memória da luta de seus antepassados mas também as suas lutas de hoje. Mobilizados, através de encontros entre as aldeias e de reuniões com os órgãos públicos o guarani tem relatado a sua realidade em busca de soluções, mas pouco se tem avançado. Dentre os 07 GTs reivindicados pelos caciques e CAPG apenas 02 estão em curso: sendo um nas terras indígenas de Itapuã, Ponta da Formiga e Morro



do Coco e outro em Passo Grande, Petim e Arroio do Conde. Graças a essa mobilização e articulação das comunidades a história dos Guaraní continua viva, resistente e mística.

Nos escritos da época das missões Jesuíticas muito se disse sobre como os Guaraní viviam nas chamadas Reduções Missionárias. Hoje os escritos autênticos sobre a vida do povo Guaraní são extremamente diferentes daquela época. Hoje os relatos dão conta de que os Guaraní do Rio Grande do Sul habitam as margens das estradas ou em espaços reduzidos vivendo em extrema dificuldades, sendo a principal delas a falta da terra.

Sem terra, dizem as lideranças indígenas, não há como se auto sustentarem, não há saúde para as crianças, não há como plantar, não há mato para tirar os remédios para as curas de enfermidades, não há espaço para o Sagrado. Em cada encontro do Sepé, em São Gabriel, os

Guaraní fazem seus rituais a Nhandêru pedindo força, luz, caminho e rumo para seguir na luta do dia a dia.

Sempre em cada Encontro do Sepé eles elaboram documentos as autoridades dos órgãos federais (Ministério da Justiça, Fundação Nacional do Índio-Funai, Secretaria Especial de Saúde Indígena-Sesai e para o Ministério Público Federal-MPF) e portanto, não há desculpas desses órgãos em dizer que desconhecem a realidade Guaraní no sul do país.

E o mais trágico é que tanto a Funai quanto a Sesai participam, através de seus representantes da região, mas não levam respostas verdadeiras para os Guaraní, apenas falsas promessas. Os Guaraní reivindicam e almejam que as suas terras sejam demarcadas e querem viver em sua cultura, plantando suas roças com as suas sementes tradicionais, querem sossego e saúde para as crianças e para os mais velhos. Saúde para o Guaraní, além de sua terra demarcada, é vida digna sem mentiras, enrolações, enganos e outros meios usados contra os indígenas para que seus direitos não sejam garantidos. Cabe ao governo federal, da presidenta Dilma, Ministro da Justiça, Funai, Sesai executar uma política seria em relação aos povos indígenas e cumprir a Constituição nos seus artigos 231 e 232.

Durante o encontro do Sepé, através da Palavra, os Xeramöi e Jariy- lideranças mais velhas- alertaram que a situação está cada vez mais difícil, por que o Juruá - os brancos - não os ouve, não os veem, não os reconhecem, não demarcam as suas terras, não atendem as suas reivindicações, não respeitam os seus direitos originários, não têm interesse em resolver as grandes questões e problemas em que vivem os Guaraní. Inspirados pelas palavras dos mais velhos as lideranças dizem: Os Juruá, as autoridades governamentais e parlamentares, que insistem em elaborar projetos de lei contra as demarcações de terra, falam falsas palavras, não dá mais para acreditar neles.

Na Sanga da Bica onde foi morto Sepé Tiaraju os Guaraní entoam, a cada

ano, seus cantos a Nhandêru agradecendo, ao Deus Verdadeiro, por caminhar sempre com eles. As Kuña Karai e os Karai transmitem a força de Nhandêru para as lutas do cotidiano, ressaltando a importância de estarem unidos, fortalecidos e articulados para enfrentarem os Juruá e suas falsas promessas. Bradam em voz alta "viva o Sepé, a terra é dom de Tupã, dada aos homens para que seja cuidada, protegida, amada e respeitada". Essas manifestações de utopia e esperança alimentam o sonho da Terra Sem Males e fortalece, através da memória dos guerreiros e guerreiras que tombaram em defesa da vida e do território Guaraní, o ideal de que a luta não será em vão, jamais.

CIMI Sul- equipe PoA

Pedalada Caminhos de Sepé

DATA: 02 a 07 fevereiro

A pedalada percorre o trecho onde São Sepé Tiarajú lutou até a morte, para defender a terra e os direitos indígenas. Cerca de 228 quilômetros entre as cidades de Rio Pardo e São Gabriel.

Informações:

Maurício: penaterra@ibest.com.br –
(51) 9699 3640 ou (51) 3764 1067

SEMANA DA CELEBRAÇÃO DOS 260 ANOS DA MORTE DE SEPÉ TIARAJU e SEUS COMPANHEIROS

Encontro do Povo Guaraní, em memória dos 260 Anos do Martírio de Sepé Tiarajú e seus companheiros. Encontro de representantes de comunidades indígenas para rememorar a história de luta dos povos indígenas, bem como para marcar a data de 07 de fevereiro como dia de celebração, articulação e mobilização da etnia em defesa da vida.

DATA

05 a 09 de fevereiro de 2016

LOCAL

São Gabriel – Parque das Carretas

Informações:

Roberto: cimisol_equipe_poa@uol.com.br ou (51) 9877 3143

“Nenhum camponês sem terra Nenhuma família sem casa Nenhum trabalhador sem direitos”

NICO - COLETIVO
JUVENTUDE MST

(Papa Francisco)

Refletindo sobre essas palavras, percebemos o quanto essas três questões essenciais para a vida humana ainda geram muitos conflitos entre os povos latino americanos.

O acesso a Terra para produzir alimentos saudáveis; a um teto seguro sobre nossas cabeças; um trabalho digno no qual podemos desenvolver nossas potencialidades e garantir nosso futuro, são “preocupações nossas de cada dia”.

A duzentos e sessenta anos Sepé Tiarajú, liderando os exércitos guaranis, declarava em alto e bom tom:

“-Alto lá! Essa terra é nossa casa comum!”*

Casa comum, onde entre irmãos trabalhamos, moramos, produzimos nossas vidas e reverenciamos nossos antepassados; aprendemos e ensinamos; enfim, somos um só grande povo, uma grande família.

Passou o tempo e a luta se ampliou, somaram-se a ela os negros, camponeses pobres, operários, autônomos, e a juventude que vê seu futuro cada dia mais ameaçado.

O inimigo mudou de vestes, já não são os exércitos luso-espanhóis e suas espadas, que trouxeram as cercas, privatizando as terras e as vidas.

Hoje é o Império do dinheiro que a tudo compra e mercantiliza, que negocia o futuro na bolsa de valores, que quer ditar o que devemos ser, fazer ou querer.

Hoje é o império do dinheiro que nos resume a máquinas de produzir e consumir, máquinas que não tem irmãos, que não veem o próximo ao seu lado, que não se preocupam com a casa comum.

Porém quando anda-



Fotos: arquivo CPT - RS e CIMI Sul

mos pelas ruas e vemos uma criança sem lar, quando por nossas narinas entram o cheiro da poluição, quando percebemos o quanto de agrotóxico contém o alimento, que a água potável é motivo de disputas, e que todos os dias milhares de vidas se perdem por não terem

se encontrado neste mundo, percebemos que as coisas não vão nada bem.

E começamos a despertar, despertar para esta realidade, para mudar esta realidade!

Numa prece por um irmão, num abraço fraterno, num ato de solidariedade vamos nos encontrando.

Fotos: arquivo CPT - RS e CIMI Sul



Nas lutas cotidianas pelo direito de ficar no campo, de ter acesso a educação, saúde, habitação, lazer; um espaço na sociedade, vamos nos organizando.

Fortalecidos pela fé de que outro mundo é possível quando aprendermos a amar ao próximo como a

nós mesmos, seguimos nesta construção do novo amanhã, onde a Terra será sinônimo de fertilidade, saúde e segurança alimentar; onde o Teto significará união, coletividade, celebração; e o Trabalho será um momento prazeroso, criativo, de realização pessoal e comunitário.

* casa comum - os guaranis não tinham palavra para expressar a noção de propriedade privada (dono). A terra missioneira era a casa comum dos povos indígenas.

Illuminados pelo exemplo de Sepé Tiaraju e fortalecidos pelas palavras do papa Francisco a juventude das Pastorais, movimentos sociais e populares se prepara para mais um Acampamento da Juventude na Romaria da Terra.

Serão dois dias de encontro em um local simbólico, uma terra marcada pelo sangue e o suor de milhares de pessoas que mantem erguida a bandeira da igualdade, fraternidade, e justiça entre os povos.

Sob a Cruz de Quatro Braços cravada na Sanga da Bica queremos compartilhar nossos sonhos e anseios, experiencias e forças, moldando com barro e esperança o nosso projeto para um novo Brasil.

Fé, Luta e Trabalho são os três aspectos da vida que queremos abordar, norteados pelo lema da Romaria deste ano que é “cuidar da terra, casa comum”

Organiza teu grupo e vem construir conosco!

Informa-te na nossa pagina no Facebook - Juventude Sepé Tiaraju- RdT, ou com a coordenação do acampamento.

Esta 39ª Romaria da Terra nos compromete com a vida da Terra, das Águas e, sobretudo, de todas as vidas que nelas habitam, vida que estão ameaçadas, vidas dos pobres e dos pequenos, em primeiro lugar

SANDRO E ANNA MARIA
GALAZZI

Este compromisso com a responsabilidade social e ambiental tornou-se um refrão incansavelmente repetido e propagandeado na hora da implantação dos grandes projetos. Não vi um Estudo de Impacto Ambiental – EIA que não garantisse tudo isso. Nunca vi um EIA que chegasse, no fim, a desaconselhar a implantação de um grande projeto. Sempre, nas audiências públicas, prova-se que as empresas, além de querer seu lucro, se comprometem com o bem social e a proteção, a preservação ou a recuperação ambiental.

Governos, empresários e ONGs parecem estar todos

falando uma mesma língua. A preocupação com a ecologia, com o meio ambiente parece ser, hoje, um fato indiscutível e que deve sempre ser levado em conta. A teologia, a hermenêutica bíblica, a moral, também, entraram com força nesta reflexão que cinquenta anos atrás, no Concílio, nem mesmo estava em pauta.

O que diz a bíblia das questões ecológicas? Quantas vezes, nestes últimos anos ouvi esta pergunta! E não há como esconder que os textos bíblicos dizem uma coisa e se contradizem logo em seguida, uma vez que provêm de ambientes diferentes, com preocupações e projetos diferentes.

Salomão ofereceu a Javé para o sacrifício pacífi-

co, vinte e duas mil vacas e cento e vinte mil ovelhas (1Rs 8,63). Esta incrível matança de animais acompanhou a inauguração do templo de Jerusalém. Depois vieram os holocaustos quotidianos, os inúmeros sacrifícios de todo tipo, as ofertas e os sacrifícios pelos pecados. Para todos estes sacrifícios os sacerdotes, “porão fogo sobre o altar, ordenando a lenha sobre o fogo”. (Lv 1,7): fogo para queimar incenso, para assar as carnes, para consumir os holocaustos e para cozinhar os “santos dos santos”, as comidas exclusivas dos sacerdotes; fogo que nunca podia se apagar (Lv 6,13). Foi preciso estabelecer um rodízio entre as famílias para o fornecimento da lenha a ser queimada sobre o altar

(Ne 10,34). E tudo isto numa região semi-árida como a Judéia, onde até o orvalho era considerado uma bênção de Deus.

Reis e sacerdotes ergueram templos e palácios explorando o trabalho de milhares de pessoas e cortando inúmeras árvores do Líbano. Como todos os poderosos, não tinham nenhuma preocupação com a vida nem da natureza nem das pessoas.

Nesta perspectiva, por exemplo, foi e continua sendo lida a bênção de Deus ao homem e à mulher: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo o animal que se move sobre a terra. (Gn 1,28)

Uma interpretação literal deste “domínio” justificou a propriedade privada, legitimou uma equivocada centralidade do homem sobre a natureza e embasou, teologicamente, a chamada civilização ocidental/cristã que vem explorando a natureza até sua exaustão.

E a “imagem de Deus”, muitas vezes, tornou-se grileiro de terras, destruidor de florestas, explorador do trabalho escravo e financiador da pistolagem. Um exército devastador e assassino, cuja violência está retratada em todas as páginas da história humana e que nada tem a ver com a mensagem evangélica.

Como saber, então, o que deveria fazer a diferença?

Foto: arquivo CPT - RS e CIMI Sul



Ecumenismo, economia, ecologia

Foto: arquivo CPT - RS e CIMI Sul

Trabalhar as palavras pode parecer – e às vezes é – um trabalho inútil dos sabichões. Às vezes vale a pena. Vou tentar ser simples e concreto.

As palavras economia, ecologia e ecumenismo vêm todas da língua grega e se originam do verbo “oikeo”: habitar. O substantivo derivado é “oikoumene”.

Esta palavra foi, logo, entendida como “todo o universo habitado”, “toda a sociedade humana”, “toda a terra”. A esta palavra costuma-se dar uma dimensão universal.

É, porém, interessante notar que a palavra oikoumene nunca aparece nos textos paulinos. Apesar de sua preocupação universalista Paulo não usa esta palavra. Para entender isso, é preciso considerar o uso político desta palavra que era feito no mundo cultural grego e romano. Para gregos e romanos a palavra oikoumene indicava, quase sempre, as populações que eram conectadas com seu projeto político e comercial. Os bárbaros e os escravos não faziam parte da oikoumene.

Oikoumene que parecia ser uma palavra incluyente, tinha, na realidade, um forte sentido de exclusão. Uns eram oikoumene e outros não.

Esta ambigüidade justifica a ausência desta palavra nos textos paulinos. Suas afirmações são claras:

Eu sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes (Rm 1,14)

Não há grego, nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou livre; mas Cristo é tudo em todos (Cl 3,11).

O Reino de Deus é uma coisa, a oikoumene é bem outra (ver também, Mt 24,14; Lc 4,5; 21,26): a ela deve ser anunciado o evangelho do Reino.

Temos que dizer que



também a palavra kosmos, sobretudo em João, não tem o significado global de mundo, de universo, mas identifica as forças negativas que se contrapõem ao Reino.

É bom lembrar que esta ambigüidade se mantém, também, nos tempos atuais: a palavra ecumenismo – que deveria significar a atitude de encontro e de respeito entre todos os que vivem no mesmo mundo habitado – é quase sempre usada para falar da unidade das igrejas cristãs, excluindo do ecumenismo as demais expressões religiosas. Para estas foi preciso criar a palavra macro-ecumenismo: uma evidente redundância.

Por que fiz toda esta explanação? Porque do verbo oikeo, derivam, também, as palavras oikia, oikos: habitação, casa, residência, lugar habitado, família.

A oikoumene é o conjunto das “casas”, de todos os

espaços que são habitados. Não há como separar o universal do local.

Precisamos, porém, levar em consideração que casa, também, nunca foi sinônimo dos que habitam nela. Tem o homem e tem a mulher, tem o pai e tem o filho, tem o amo e tem o escravo. As relações internas da casa são determinantes, podem ser igualitárias, segundo diz Paulo:

Não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gl 3,28).

Ou as relações dentro da casa podem ser de domínio, de governo:

Todos os escravos que estão debaixo do jugo estimem os seus senhores dignos de toda a honra, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados (1Tm 6,1).

As mulheres idosas

(...) ensinem as mulheres novas a serem (...) boas obreiras de casa, submetidas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada (Tt 2,3-5).

Quanta diferença entre o homem: dono/patrão da casa (oikodespotes) e a mulher trabalhadora da casa (oikourgous)!

Ecologia vem do grego: oikos = casa e logos = discurso. Diga-se o mesmo da economia que vem de oikos = casa e nomos = lei, norma. É por isso que precisamos definir qual é a nossa “ecologia”.

Ecologia é dizer o que pensamos da nossa casa, como um todo. Quase sempre – e, nisso, empresários e ambientalistas são iguais – se entende ecologia como a nossa relação com a natureza, com o meio ambiente, podemos dizer com o nosso “quintal”. Discute-se o am-

biente, discute-se como deve funcionar o quintal, mas não se discute que tipo de casa nós queremos.

Tem muitos ecologistas que, quando pensam em casa, continuam pensando em “casa grande” e em “senzala”. Não pensam numa casa comum, onde todos sentam ao redor da mesma mesa e repartem o mesmo pão, sem distinção.

Eles se preocupam só com o quintal, com a natureza, com o ambiente que está fora da casa e, assim, falam em desenvolvimento sustentável, em defesa da terra e da água, mas continuam sem por em discussão a “casa grande” dos países mais ricos, das classes dominantes, das corporações industriais e financeiras, das elites privilegiadas e corruptas que engordam às custas de uma imensa, incalculável “senzala” que é explorada, oprimida, excluída.

A eterna luta entre lahweh e o Faraó (a casa grande)

Foto: arquivo CPT - RS e CIMI Sul

A senzala ainda não saiu da cabeça de muitos. Precisamos nos converter, pois a economia (a lei, a organização, a administração da casa) vai depender da ecologia (de que casa estamos falando, em que tipo de casa queremos viver).

Não vamos esquecer que a palavra faraó significa, literalmente, “casa grande”.

Se continuarmos a acreditar na casa grande, teremos uma economia centrada na especulação financeira, nos monopólios industriais, na privatização dos serviços públicos - realidades que nada teriam a ver com a ecologia. Uma economia baseada no agronegócio, na monocultura, na mineração, nas exportações de matéria prima, no trabalho escravo, na concentração fundiária, nas sementes transgênicas, nos agrotóxicos.

A casa grande ficará com os produtos e os lucros; a senzala ficará com o trabalho e as migalhas da assistência social e o quintal será devastado. Os pobres perderão a terra! A terra perderá a vida!

Tudo depende da maneira de olhar a terra, a água, a natureza: socialistas e capitalistas enxergam tudo isso como matéria prima que adquire seu valor ao virar mercadorias que deve ser comercializada e privatizada, deixando de ser direito e bem coletivo.

Nós queremos olhar a terra, a água, a natureza como a nossa casa, a nossa mãe e fonte de vida para todas as criaturas.

Nós entendemos que a luta pela terra é, hoje de maneira especial, luta pela TERRA, com a T maiúscula. É a luta pela vida do planeta que é violentamente ameaçada por um falso conceito de crescimento, desenvolvimento, progresso e por uma ainda mais falsa ideia de que os recursos naturais são infindáveis.

Aprender com as comunidades indígenas e quilombolas o que significa uma casa feita tenda comum, aberta a todos, não significa atraso. Significa vida abundante para todos e todas.

Lutar pela terra e pela vida da Terra é um imperativo ético que testemunha nossa fidelidade à memória, à tradição, à ancestralidade, às nossas



raízes. É nossa fidelidade aos pobres de Deus.

Lutar pela terra e pela vida da Terra é uma exigência que testemunha nossa relação sagrada com a terra, nossa mãe, nossa amiga, nossa amante, à qual devemos “servir” e “obedecer” pois dela to-

das as gerações terão vida em abundância. É nossa fidelidade à terra de Deus e de todos e todas nós.

Lutar pela terra e pela vida da Terra é uma obrigação que testemunha a fé no nosso Deus. Da ecologia, depende não só a economia, mas, tam-

bém, a teologia. A casa que pensamos e queremos determina qual é o Deus ao qual nossa casa deve ser fiel. É nossa fidelidade ao Deus dos pobres.

Este testemunho de fidelidade ao Deus dos pobres, aos pobres de Deus e a terra

que é de Deus e de todos, levou inúmeras companheiras e companheiros a amar até o fim, até derramar seu sangue. São os mártires/testemunhas que as igrejas nunca devem esquecer. Entre eles, celebramos a memória de São Sepé Tiarajú.

Ecologia e Reino de Deus

Mesmo sabendo que os textos bíblicos nunca usam a palavra ecologia que nem está no dicionário grego e mesmo sabendo que a palavra reino parece ser tão obsoleta em nossos tempos considerados democráticos, precisamos aprofundar mais um pouco o que é o centro do anúncio de Jesus: O tempo se completou e chegou o reino de Deus, mudai de pensamento e acreditai no evangelho (Mc 1,15).

A justiça do Reino que deve ser procurada em primeiro lugar (Mt 6,33) é uma proposta clara, uma proposta cuja vivência levou Jesus à perseguição e ao martírio.

- A vida dos pequeninhos deve estar sempre em primeiro lugar. Ela vale mais do que a lei, mais do que o templo, mais do que os interesses do mercado e do império.

- A lógica econômica é aquela da mesa, do dividir, dar e distribuir e não aquela do mercado, do comprar e vender.

- As relações políticas estão marcadas pelo serviço e pelo dar a vida e não pelo domínio e pela opressão.

Esta é a casa que Jesus quis edificar: uma casa muito diferente do palácio de Herodes, do quartel de Pilatos, da sinagoga dos escribas e do templo dos sumos sacerdotes.

Uma casa onde encontram a cura a sogra de Pedro, o criado do centurião, a filha da mulher siro-fenícia; uma casa destelhada para que o paralítico possa ser descido até diante de Jesus. Uma casa onde Jesus come com os publicanos e os pecadores; uma casa onde Jesus “acorda” a menina de doze anos, e manda dar-lhe de comer.

Uma casa na qual a família não é constituída por vínculos de sangue: irmãos, irmãs e mãe de Jesus são todos e todas que sentam ao redor dele e fazem a vontade do Pai. Uma casa na qual o profeta não é honrado pelos seus (Mc 6,4).

É a casa onde Jesus desafia os discípulos colocando-os diante de um menino: quem quiser ser o primeiro seja o último e o escravo de todos. A casa onde Jesus provoca os discípulos a colocar os direitos das mulheres na frente dos deles.

É a casa de Simão, o leproso, onde a unção de uma anônima mulher o consagra e lhe dá a coragem de enfrentar a morte: único evangelho a ser anunciado em todos os lugares da terra, em memória dela: aos pobres terão que fazer o bem.

É a casa indicada pelo escravo, carregador de água, na qual o grupo de Jesus celebrará a sua Páscoa: o memorial vivo de Jesus que substituiu definitivamente o templo com a casa, substituiu o altar com a mesa e substituiu os sacrifícios com o pão e o vinho repartidos entre todos.

Uma casa e uma mesa na qual Jesus está como aquele que serve, como aquele que lava os pés.

Uma casa, uma mesa, na qual Jesus poderá ser reconhecido ao partir o pão.

E, por fim, uma casa, Betânia, a casa dos oprimidos, o último lugar onde Jesus vai conduzir seus discípulos antes de ser elevado ao céu.

Esta é a “ecologia” do Reino: o discurso/logos que os evangelhos fazem sobre a casa/oikos.

A “casa grande” em nossas cabeças e em nossos corações

Ao lutarmos com dedicação pela vida da TERRA, precisamos, no mesmo tempo, cuidar de alimentar uma mística adulta e sólida que nos ajude, não só a derrotar o faraó que nos oprime, mas, também, a vencer o “faraozinho” que carregamos dentro de nós e de nossas organizações e contra o qual ninguém foi ainda vacinado.

Os movimentos e as organizações populares, às vezes se deixam levar na conversa dos interesses partidários; muitas lideranças, também, acabam aceitando, como inevitáveis, os esquemas de corrupção, disputam ferozmente cargos de confiança e acreditam, simplesmente, que a maneira de sair da senzala é entrar a fazer parte da casa grande. “Agora chegou a nossa vez” dizem.

Nossas igrejas, muitas vezes, seguiram e seguem a lógica da casa grande e da senzala que deturpou nossas rela-



Fotos: arquivo CPT - RS e CIMI Sul

ções: templos, altares, sacrifícios, hierarquias, governos são coisa da casa grande, de um sacro-negócio blasfemo e diabólico, o mesmo que, aliado ao império opressor, condenou à morte Jesus de Nazaré.

O evangelho do Reino

de Deus nos convida a fazer a diferença dentro e fora da igreja: casa, mesa, pão repartido e serviço devem substituir templos, altares, sacrifícios e dominações. Foi isso que Jesus celebrou na ceia. É isso que devemos continuar testemunhan-

do em memória dele e de seu martírio.

Pão repartido quer dizer terra repartida, bens partilhados, luta contra toda concentração, contra o latifúndio excludente, devastador e violento. É a defesa da vida contra todas

as formas de escravidão, mesmo as que são mascaradas de crescimento e são chamadas de mercado.

Pão repartido é crer que nossa casa é uma oca comum ou, usando a linguagem bíblica, uma “tenda”. Nem palácios, nem templos, nem quartéis, nem armazéns, nem bancos, nem especulações financeiras.

Vamos repetir uma vez mais: a palavra faraó significa “casa grande”.

O nosso Deus, o Deus dos nossos pais e das nossas mães, o/s deus/es dos nossos povos ancestrais nunca estará na casa grande, apesar dos templos gigantescos que eles construíram e continuarão construindo.

Iahweh será sempre o Deus dos hebreus, dos marginalizados que só querem viver em paz, podendo desfrutar do fruto da terra e do seu trabalho, do pão e do vinho que ofertamos ao Senhor para que seja sempre de todos e de todas.

A economia a serviço da casa

A economia, as leis da casa, a administração da casa é o compromisso de ajudar a viver conforme o projeto de casa na qual queremos viver. É impossível separar a economia da ecologia. Quem faz isso precisa reduzir a ecologia a uma relação mais ou menos sustentável com o quintal.

Aí a casa deixa de ser o referencial. O referencial último e definitivo é o mercado. E, no nome dele e na obediência a ele, tudo é justificado ou justificável.

É aqui que nós, os que, com a força do Espírito Santo, queremos ser discípulos e missionários de Jesus, precisamos fazer a diferença. Temos que ter claro que quando denunciarmos e combatemos o desmatamento, o agronegócio, os agrotóxicos, o latifúndio, a contaminação, a mineração colonialista, a pesca predatória, as barragens, o trabalho escravo, as megalópolis estressantes, a violência,

o narcotráfico, a corrupção do estado, em todos os seus poderes, o fazemos movidos por profundas razões místicas: porque acreditamos firmemente que em toda a criação circula uma única vida, a vida de Jesus:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis (...). Tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas e todas as coisas subsistem por ele (Cl 1, 15-17).

Este projeto cósmico universal que envolve tudo o que existe a partir de uma única vida é a oikoumene que nós queremos, na qual habitamos e que queremos fortalecer.

Querer que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra e que toda a língua confesse que

Jesus Cristo é o Senhor (Fl 2,10s) é viver numa só casa, é o ecumenismo que move nossas relações.

Pôr-se a serviço de todas e de todos, para que todas e todos tenham vida e a tenham em abundância, sem nenhuma exclusão de religião, de bandeira, de raça, de classe, porque o único senhor diante do qual queremos nos ajoelhar é a ecologia que queremos defender e testemunhar com toda a nossa vida: é a casa em que queremos nos encontrar.

Olhar para os pássaros do céu, para as flores do campo, não nos deixando enganar pelos armazéns e pelas roupas suntuosas dos magnatas dos bancos, das indústrias, da mineração, do agro e do hidro-negócio, da corrupção é nosso maior critério de economia:

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro ou



Fotos: arquivo CPT - RS e CIMI Sul

se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom (...). Não andeis, pois, angustiados, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? Porque todas estas coisas as nações procuram. O vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas; buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos

serão acrescentadas. (Mt 6,24, 31-33)

Parecem palavras de um louco, palavras que poucos levaram a sério em 20 séculos de história. Palavras que nações e igrejas, muitas vezes, esqueceram.

Que esta nossa Romaria seja marcada pela renovação do nosso compromisso com a ecologia da Terra sem Males.

Cuidar da mãe terra e amar todos os seres

Foto: arquivo CPT - RS e CIMI Sul

O amor é a força maior existente no universo, nos seres vivos e nos humanos. Porque o amor é uma força de atração, de união e de transformação. Já o antigo mito grego o formulava com elegância: “Eros, o deus do amor, ergueu-se para criar a Terra. Antes, tudo era silêncio, desprovido e imóvel. Agora tudo é vida, alegria, movimento”. O amor é a expressão mais alta da vida que sempre irradia e pede cuidado, porque sem cuidado ela definha, adoece e morre.

Humberto Maturana, chileno, um dos expoentes maiores da biologia contemporânea, mostrou em seus estudos sobre a autopoiesis, vale dizer, sobre a auto-organização da matéria da qual resulta a vida, como o amor surge de dentro do processo evolutivo. Na natureza, afirma Maturana, se verificam dois tipos de conexões (ele chama de acoplamentos) dos seres com o meio e entre si: uma necessária, ligado à própria subsistência e outro espontânea, vinculado a relações gratuitas, por afinidades eletivas e por puro prazer, no fluir do próprio viver.

Quando esta última ocorre, mesmo em estágios primitivos da evolução há bilhões de anos, aí surge a primeira manifestação do amor como fenômeno cósmico e biológico. Na medida em que o universo se inflaciona e se complexifica, essa conexão espontânea e amorosa tende a incrementar-se. No nível humano, ganha força e se torna o móvel principal das ações humanas.

O amor se orienta sempre pelo outro. Significa uma aventura abraâmica, a de deixar a sua própria realidade e ir ao encontro do diferente e estabelecer uma relação de aliança, de amizade e de amor com ele.

O limite mais desastroso do paradigma ocidental tem a ver com o outro, pois o vê antes como obstáculo do que oportunidade de encontro. A estratégia foi e é esta: ou incorporá-lo, ou submetê-lo ou eliminá-lo como fez com as culturas da África e da



América Latina. Isso se aplica também para com a natureza. A relação não é de mútua pertença e de inclusão mas de exploração e de submetimento. Negando o outro, perde-se a chance da aliança, do diálogo e do mútuo aprendizado. Na cultura ocidental triunfou o paradigma da identidade com exclusão da diferença. Isso gerou arrogância e muita violência.

O outro goza de um privilégio: permite surgir o ethos que ama. Foi vivido pelo Jesus histórico e pelo paleocristianismo antes de se constituir em instituição com doutrinas e ritos. A ética cristã foi mais influenciada pelos mestres gregos do que pelo sermão da montanha e prática de Jesus. O paleocristianismo, ao contrário, dá absoluta centralidade ao amor ao outro que para Jesus, é idêntico ao amor a Deus. O amor é tão central que quem tem o amor tem tudo. Ele testemunha esta sagrada convicção de que Deus é amor (1 Jo 4,8), o amor vem de Deus (1 Jo 4,7) e o amor não morrerá jamais (1 Cor 13,8). E esse amor incondicional e universal inclui também o inimi-

go (Lc 6,35). O ethos que ama se expressa na lei áurea, presente em todas as tradições da humanidade: “ame o próximo como a ti mesmo”; “não faça ao outro o que não queres que te façam a ti”. O Papa Francisco resgatou o Jesus histórico: para ele é mais importante o amor e a misericórdia do que a doutrina e a disciplina.

Para o cristianismo, Deus mesmo se fez outro pela encarnação. Sem passar pelo outro, sem o outro mais outro que é o faminto, o pobre, o peregrino e o nu, não se pode encontrar Deus nem alcançar a plenitude da vida (Mt 25,31-46). Essa saída de si para o outro a fim de amá-lo nele mesmo, amá-lo sem retorno, de forma incondicional, funda o ethos o mais inclusivo possível, o mais humanizador que se possa imaginar. Esse amor é um movimento só, vai ao outro, a todas as coisas e a Deus.

No Ocidente foi Francisco de Assis quem melhor expressou essa ética amorosa e cordial. Ele unia as duas ecologias, a interior, integrando suas emoções e os desejos, e a exterior, se irmanando

com todos os seres. Comenta Eloi Leclerc, um dos melhores pensadores franciscanos de nosso tempo, sobrevivente dos campos de extermínio nazista de Buchenwald:

”Em vez de enrijecer-se e fechar-se num soberbo isolamento, Francisco deixou-se despojar de tudo, fez-se pequenino, colocou-se, com grande humildade, no meio das criaturas. Próximo e irmão das mais humildes dentre elas. Confraternizou-se com a própria Terra, como seu húmus original, com suas raízes obscuras. E eis que a “nossa irmã e Mãe-Terra” abriu diante de seus olhos maravilhados um caminho de uma irmandade sem limites, sem fronteiras. Uma irmandade que abrangia toda a criação. O humilde Francisco tornou-se o irmão do Sol, das estrelas, do vento, das nuvens, da água, do fogo e de tudo o que vive e até da morte”.

Esse é o resultado de um amor essencial que abraça todos os seres, vivos e inertes, com carinho, enternecimento e amor. O ethos que ama funda um novo sentido de viver. Amar o outro, seja o ser hu-

mano, seja cada representante da comunidade de vida, é dar-lhe razão de existir. Não há razão para existir. O existir é pura gratuidade. Amar o outro é querer que ele exista porque o amor torna o outro importante. Amar uma pessoa é dizer-lhe: tu não poderás morrer jamais” (G.Marcel); “tu deves existir, tu não podes ir embora”.

Quando alguém ou alguma coisa se fazem importantes para o outro, nasce um valor que mobiliza todas as energias vitais. É por isso que quando alguém ama, rejuvenesce e tem a sensação de começar a vida de novo. O amor é fonte de suprema alegria.

Somente esse ethos que ama está à altura dos desafios face à Mãe Terra devastada e ameaçada em seu futuro. Esse amor nos poderá salvar a todos, porque abraça-os e faz dos distantes, próximos e dos próximos, irmãos e irmãs.

30/03/2014

Por Leonardo Boff é autor de O cuidado necessário, Vozes 2013. Fonte: <http://leonardoboff.wordpress.com/2014/03/30/>

Quadro de Romarias

1ª	07.02.1978	Caiboaté - São Gabriel	400	A salvação do índio está na consciência do branco
2ª	27.02.1979	Vila Tiarajú - São Gabriel	3.000	Justiça para todos - Vamos salvar a Mãe Terra
3ª	19.02.1980	Vila Tiarajú - São Gabriel	5.000	Alto lá, esta terra tem dono.
4ª	03.03.1981	São Miguel das Missões	12.000	Saúde para todos
5ª	03.02.1982	Encruzilhada Natalino - Sarandi	33.000	Povo unido jamais será vencido
6ª	15.02.1983	Carlos Gomes	40.000	Água para a vida, não para a morte
7ª	06.03.1984	Vila Santo Operário - Canoas	50.000	Terra e trabalho para que todos tenham vida
8ª	19.02.1985	Tenente Portela	70.000	Os jovens e os Sem Terra em busca de pão e vida
9ª	11.02.1986	Fazenda Nonoai - Sarandi	60.000	Terra de Deus, Terra de Irmãos.
10ª	03.03.1987	Itaiba - Ibirubá	35.000	Terra repartida, vida garantida
11ª	16.02.1988	Cascatinha - Pelotas	20.000	Ouvi o clamor deste povo
12ª	07.02.1989	Caaró - Caibaté	60.000	Comunicar a verdade para libertar
13ª	27.02.1990	Erveiras - Santa Cruz do Sul	40.000	Povo que luta defende a vida
14ª	12.02.1991	Ibiraiaras	35.000	Das mãos do trabalhador, vida, luta e dignidade
15ª	03.03.1992	Hulha Negra	25.000	Terra cultivada, caminho para a vida
16ª	23.02.1993	Constantina	35.000	Organizando produção, semeamos libertação
17ª	15.02.1994	Santo Antônio das Missões	20.000	Na solidariedade fazemos nossa a integração
18ª	28.02.1995	Getúlio Vargas	38.000	Terra e organização, menos fome na população
19ª	20.02.1996	Santa Rosa	31.000	Povo organizado constrói um novo Estado
20ª	11.02.1997	São Roque - Antônio Prado	28.000	Vida na terra, terra da vida
21ª	24.02.1998	Ivorá	25.000	Agricultura Familiar - resistência e alternativa para o Brasil
22ª	16.02.1999	Assentamento CERES - Jóia	28.000	Agricultura Familiar: trabalho, organização e conquista
23ª	07.03.	Casca	30.000	Agricultura Familiar: esperança, luta e desenvolvimento
24ª	27.02.2001	Jaboticaba	31.000	Agricultura Familiar: cooperação, vida e justiça social
25ª	12.02.2002	Bom Conselho - Sananduva	31.000	Jubileu de Fé na luta por uma terra sem males
26ª	04.03.2003	Faxinal - Canguçu	20.000	Terra - Água - Alimento para a vida
27ª	24.02.2004	Entre Rios do Sul	25.000	Água viva - Vida na terra
28ª	08.02.2005	Linha Sítio - Cruzeiro do Sul	20.000	Nossas sementes, nossas raízes, nossa vida
29ª	28.02.2006	Lagoa Bonita do Sul	15.000	A função social da propriedade
30ª	20.02.2007	Pinheiro Bonito - São Francisco de Assis	15.000	Preservar terra e água: garantia de vida
31ª	05.02.2008	Três Passos	15.000	Juventude - luta e resistência em defesa da Vida
32ª	24.02.2009	Sapucaia do Sul	15.000	Água - Sangue da Terra
33ª	16.02.2010	Santa Maria	12.500	Quilombos: terra, trabalho e inclusão
34ª	08.03.2011	Assentamento Roça Nova - Candiota	12.000	Do clamor da terra a esperança vida
35ª	21.02.2012	Santo Cristo	15.000	Agricultura Familiar Camponesa - vida com saúde
36ª	12.02.2013	Bento Gonçalves	12.000	Terra, Vida e Cidadania
37ª	04.03.2014	Assentamento Lagoa do Junco - Tapes	9.000	Reforma Agrária, Cooperação e Agroecologia
38ª	17.02.2015	David Canabarro	8.000	Sucessão Rural Familiar, políticas públicas e sustentabilidade social
39ª	09.02.2016	São Gabriel	-	Cuidar da Terra, Casa Comum

Oração pela nossa terra

(Papa Francisco, Laudato Si)

Deus Onipotente,
que estais presente em todo o universo
e na mais pequenina das vossas criaturas,
Vós que envolveis com a vossa ternura
tudo o que existe,
derramai em nós a força do vosso amor
para cuidarmos da vida e da beleza.
Inundai-nos de paz,
para que vivamos como irmãos e irmãs
sem prejudicar ninguém.

Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos vossos olhos.
Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo
e não o depredemos,
para que semeemos beleza
e não poluição nem destruição.

Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos
com todas as criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita.
Obrigado porque estais conosco todos os dias.
Sustentai-nos, por favor, na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz.

Amém. Axé. Awere. Aleluia.

Foto: arquivo CPT - RS e CIMI Sul



Atenção Romeiros e Romeiras

Reúna seu grupo, amigos e comunidade para estudar o tema da Romaria e organizar a sua caravana.

Cheguem cedo. Tragam abrigo para sol ou chuva e **alimentos para o almoço e partilha.**

No local haverá material da Romaria da Terra e camisetas.

Os grupos locais de produção ecológica estão organizando bancas com frutas, sucos naturais, lanches e lembranças que podem ser adquiridas. Procure informações nas paróquias, sindicatos, pastorais e participem.

Programação da 39ª Romaria da Terra

7h Acolhida na Sanga da Bica

8h30 Início da Romaria:
caminhada - celebração

12h **ALMOÇO
PARTILHADO**

13h Tribuna Popular

15h30min Bênção do

Envio e anúncio
da próxima Romaria

ACAMPAMENTO
JOVEM
Romaria da Terra

DATA

07 e 08 de fevereiro

LOCAL

São Gabriel – Parque das Carretas

Haverá estudo, reflexão, debate, partilha de experiências, celebração, confraternização aprofundando o tema da Romaria pelos/as jovens. Organiza teu grupo e vem construir conosco!

Informações e confirmação da Participação:

Facebook/ Juventude Sepé Tiaraju-RdT

Júnior: lauterinho@gmail.com - (55) 9993 0359

Nico: juventudemstsg@hotmail.com - (55) 9991 1902

CPT: cptdors@gmail.com

Não esquecer de trazer seu kit de sobrevivência:

Barraca, caneca, prato, talheres, capa de chuva, guarda-chuva, chapéu, travesseiro e roupa de cama, material de higiene pessoal, material de anotação.